

O ENSINO DAS LUTAS BASEADA NA PEDAGOGIA DO ESPORTE E NOS JOGOS DE OPOSIÇÃO

TEACHING COMBAT SPORTS BASED ON SPORTS PEDAGOGY AND COMPETITIVE GAMES

LA ENSEÑANZA DE LAS LUCHAS BASADA EN LA PEDAGOGÍA DEL DEPORTE Y EN LOS JUEGOS DE OPOSICIÓN

Willyam Barrinha

Graduado

Profissional de Educação Física

Fundação Educacional de Penápolis

E-mail: willyam.barrinha2048@alunos.funepe.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8827-5532>

Fernando Fabrizzi

Doutor

Fundação Educacional de Penápolis

E-mail: fernando.fabrizzi@funepe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6163-1514>

Lucas Agostini

Doutor

Fundação Educacional de Penápolis

E-mail: lucas.agostini@funepe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3898-5637>

Guilherme Ozaki

Doutor

Fundação Educacional de Penápolis

E-mail: Guilherme.ozaki@funepe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0133-960X>

Donald Campos

Mestre

Fundação Educacional de Penápolis

E-mail: Donaldo.filho@funepe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1688-806X>

George Petralhas

Mestre

Fundação Educacional de Penápolis

E-mail: George.petrallas@funepe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6053-4456>

Júlio César Rodrigues

Doutor

Fundação Educacional de Penápolis/SP

E-mail: julio.rodrigues@funepe.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6551-393X>

RESUMO: O estudo discute o ensino das lutas em ambientes não formais, tomando como base a Pedagogia do Esporte e os Jogos de Oposição. As lutas, historicamente ligadas à sobrevivência e ao combate, hoje são reconhecidas como práticas educativas que favorecem o desenvolvimento físico, cognitivo e socioafetivo. Entretanto, ainda enfrentam preconceitos relacionados à violência. O trabalho defende que, quando bem estruturadas, podem promover disciplina, respeito, cooperação e autoconhecimento. Nos ambientes não formais, como academias, clubes e projetos sociais, o ensino das lutas deve considerar fatores sociais, culturais e pedagógicos, adaptando-se ao perfil dos praticantes, sobretudo crianças. Muitas vezes, a formação dos instrutores é marcada pela tradição da “escola de ofício”, centrada em métodos empíricos e hierárquicos. Nesse contexto, os Jogos de Oposição surgem como alternativa metodológica lúdica, capaz de aproximar os alunos das modalidades de combate sem a rigidez técnica inicial. Tais jogos estimulam confrontos controlados, respeitando regras e promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo e social, além de incentivar a cooperação e a resolução de conflitos. A pesquisa ressalta a importância de ressignificar os rituais e tradições das artes marciais, contextualizando-os pedagogicamente para que sejam compreendidos e valorizados pelos alunos. Para o público infantil, a ludicidade e a subjetividade devem ser priorizados, evitando a ênfase em rendimento e competição precoce. Conclui-se que o ensino das lutas em contextos não formais deve ser inclusivo, crítico e humanizado, integrando valores culturais e sociais com metodologias modernas que incentivem a participação, a formação cidadã e o bem-estar.

Palavras-chave: Lutas. Jogos de Oposição. Pedagogia das Lutas.

ABSTRACT: The study discusses the teaching of martial arts in informal settings, based on Sports Pedagogy and Opposition Games. Martial arts, historically linked to survival and combat, are now recognized as educational practices that promote physical, cognitive, and socio-emotional development. However, they still face prejudices related to violence. The study argues that, when well structured, they can promote discipline, respect, cooperation, and self-knowledge. In non-formal environments, such as gyms, clubs, and social projects, the teaching of martial arts must consider social, cultural, and pedagogical factors, adapting to the profile of practitioners, especially children. Often, the training of instructors is marked by the tradition of the "trade school," centered on empirical and hierarchical methods. In this context, Opposition Games emerge as a playful methodological alternative, capable of bringing students closer to combat modalities without the initial technical rigidity. Such games encourage controlled confrontations, respecting rules and promoting motor, cognitive, and social development, in addition to encouraging cooperation and conflict resolution. The research highlights the importance of reframing the rituals and traditions of martial arts, contextualizing them pedagogically so that they are understood and valued by students. For children, playfulness and subjectivity should be prioritized, avoiding an emphasis on performance and early competition. It can be concluded that teaching martial arts in non-formal contexts should be inclusive, critical, and humanized, integrating cultural and social values with modern methodologies that encourage participation, citizenship training, and well-being.

Keywords: Struggles. Opposition Games. Pedagogy of Struggles.

RESUMEN: El estudio analiza la enseñanza de las artes marciales en entornos no formales, basándose en la pedagogía del deporte y los juegos de oposición. Las artes marciales, históricamente vinculadas a la supervivencia y el combate, hoy en día se reconocen como prácticas educativas que favorecen el desarrollo físico, cognitivo y socioafectivo. Sin embargo, aún enfrentan prejuicios relacionados con la violencia. El trabajo defiende que, cuando están bien estructuradas, pueden promover la disciplina, el respeto, la cooperación y el autoconocimiento. En entornos no formales, como gimnasios, clubes y proyectos sociales, la enseñanza de las artes marciales debe tener en cuenta factores sociales, culturales y pedagógicos,

adaptándose al perfil de los practicantes, especialmente los niños. A menudo, la formación de los instructores está marcada por la tradición de la «escuela de oficio», centrada en métodos empíricos y jerárquicos. En este contexto, los Juegos de Oposición surgen como una alternativa metodológica lúdica, capaz de acercar a los alumnos a las modalidades de combate sin la rigidez técnica inicial. Estos juegos estimulan los enfrentamientos controlados, respetando las reglas y promoviendo el desarrollo motor, cognitivo y social, además de fomentar la cooperación y la resolución de conflictos. La investigación destaca la importancia de reinterpretar los rituales y tradiciones de las artes marciales, contextualizándolos pedagógicamente para que sean comprendidos y valorados por los alumnos. Para el público infantil, se debe dar prioridad a la ludicidad y la subjetividad, evitando el énfasis en el rendimiento y la competencia precoz. Se concluye que la enseñanza de las artes marciales en contextos no formales debe ser inclusiva, crítica y humanizada, integrando valores culturales y sociales con metodologías modernas que fomenten la participación, la formación ciudadana y el bienestar.

Palabras clave: Luchas. Juegos de Oposición. Pedagogía de las Luchas.

1 INTRODUÇÃO¹

A luta entendida como manifestação da cultura de movimento e componente inegável ao longo da história da humanidade, pode ser compreendida dentro da Educação Física como recurso educativo em prol do desenvolvimento de capacidades e habilidades em variados âmbitos da composição física, psicológica, social e profissional do ser humano (JUNIOR e SANTOS, 2010).

Ao longo do tempo o homem se viu imposto ao combate, antes de forma necessária à sobrevivência e a reprodução genealógica, depois à conquista de territórios e imposição de dominâncias político-sociais e atualmente visualiza a necessidade do autoconhecimento através de uma preparação física em prol de sua integridade física e evolução psicomotora (FUGIKAWA, et al., 2007).

A ideia de desvincular a área das lutas aos conceitos de violência e marginalização, se mune do entendimento da relação que o indivíduo mantém consigo mesmo e com a sociedade. Conforme ressalta Junior e Santos (2010) a prática do respeito ao adversário, a coordenação dos movimentos, o cumprimento de regras e o controle de emoções compõem uma tríade de aspectos a serem trabalhados durante o ensino de lutas através, por exemplo, dos jogos de oposição. São eles: cognitivos, socioafetivos e motores.

Independente da contextualização ao redor do ensino de lutas, benefícios e justificativas devem ser expostas e elaboradas de maneira clara para o grupo ao qual será aplicado. O lúdico deve estar entrelaçado ao aprendizado, se possível permitindo que o aluno consiga fazer a conexão de teórico com o prático de forma acessível e estimulante (SANTOS, 2016).

Além das técnicas apuradas e específicas de cada modalidade, o ensino de lutas abrange uma série de valores morais, sociais e educacionais. A utilização dos jogos de oposição no ensino de lutas permite ao profissional responsável uma aplicação metodológica mais inclusiva e lúdica que permite abraçar diferentes tipos de grupos, sejam eles crianças em processo de formação educacional e social, como ressalta Junior e Santos (2010) até atletas do mais alto nível físico e esportivo.

Por buscarmos levar o ensino de lutas a ambientes não formais, é necessário cautela com a metodologia com que será aplicada, contextualizando-o ao grupo com o qual será trabalhado. Fatores sociais, culturais, físicos, intelectuais e estruturais devem ser levados em conta pelo profissional que se dispõe a ensinar lutas (JUNIOR e SANTOS, 2010).

Abranger o conhecimento a respeito do ensino de lutas fora de ambientes específicos e previsíveis para tal nos remete aos benefícios que as mesmas nos permitem adquirir como alunos e professores fora de um ringue olímpico ou um tatame confederado (JUNIOR e SANTOS, 2010). Buscar compreender o ensino de lutas em contextos não formais baseia-se na tentativa de se desenvolver a prática pedagógica nos mesmos, que como analisados ao longo da pesquisa se encontram calcados em doutrinas e crenças tradicionais. Sendo assim os processos metodológicos, procedimentais e de planejamento de prática

¹ Este capítulo é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso de Barrinha (2020).

educativa se vinculam aos valores, conceitos e comportamentos característicos das modalidades (RUFINO e DARIDO, 2015).

Gohn (2006) descreve a educação não-formal como um processo dividido em vertentes como a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos no título de cidadãos, a capacidade dos mesmos para o trabalho, por meio de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades, além da aprendizagem de conteúdos que deem a ele a capacidade de leitura do mundo de um ponto de vista próprio a respeito do que se passa ao seu redor.

É necessário que estudos na área da pedagogia do esporte considerem dificuldades e potencialidades da prática pedagógica de instrutores, estreitando essa relação. Propõe-se a criação de espaços dentro do ambiente universitário, voltados para a formação continuada pautada em reflexões sobre as ações aprimorando as práticas pedagógicas desses instrutores, sempre preservando os valores possuídos em seus saberes (RUFINO e DARIDO, 2015).

Como ressalta Breda, et al., (2010), o mundo globalizado em que vivemos apresenta constantes alterações ao decorrer dos tempos, instantaneamente, surgem também novos conceitos, formas de pensamento ou até maneiras diferentes de preservação dos mesmos. Devemos analisar fundamentos e combater estereótipos absolutos, aliando a ideia de transformação ao levantamento de contradições.

Entende-se que quando a prática pedagógica das lutas valoriza ações críticas e criativas oriundas do ensino, se torna prazerosa, formativa e significativa para todos que a vivenciam, independentemente de suas subjetividades. Contudo, complementa que esta prática deve ser livre de verdades absolutas e imposições inquestionáveis, devendo prevalecer o diálogo e a cooperação (RUFINO e DARIDO, 2015).

O ensino de lutas nos dias modernos é, ou pelo menos deveria ser, educar além de questões psicomotoras, integrando de maneira ativa o desenvolvimento humano abrangendo 9 aspectos de cunho afetivo, cognitivo e social. Buscar no passado e no presente o sustento de valores que agregam às tendências e abordagens mais modernas da educação se mostra um exercício necessário e valioso (BREDA, et al., 2010).

Com o intuito de adaptar o ensino de lutas às carências lúdicas e desenvolvimentistas das crianças, entendendo que instrutores devessem priorizar experiências mais prazerosas do que as fixadas em adquirir um alto rendimento, autores da área da pedagogia do esporte defendem uma consideração mais voltada para o fator da subjetividade no ensino, concentrada sobre a pessoa que se movimenta (RUFINO e DARIDO, 2015).

Assim, este estudo se configura como sendo um ensaio teórico que tem por objetivo discutir uma possibilidade do ensino das Lutas em ambientes não formais pautando-se na Pedagogia do Esporte e nos Jogos de Oposição.

2 O ENSINO DAS LUTAS EM AMBIENTES NÃO-FORMAIS

A luta, como manifestação corporal, encontra-se inserida no contexto brasileiro através de modalidades diversas praticadas em estabelecimentos não formais de ensino, como academias e clube por exemplo. Apesar de essa prática esportiva possuir potencial educativo para ser aplicada em aulas de Educação Física Escolar (EFE), alguns autores entendem que o conteúdo literário acadêmico no que diz respeito aos processos de ensino e a aprendizagem, são consideravelmente escassos (RUFINO e DARIDO, 2015).

Introduzir mudanças a um modelo sistemático já estabelecido e cercado por preconceitos não é uma ação das mais fáceis. Ainda que as lutas já tenham conquistado 10 espaço na área de treinamento de alto nível ao redor do mundo, permanecem vistas como inviáveis como um instrumento educacional integrante de setores sociais, como o escolar, por exemplo (BREDA, et al., 2010).

Avanços de estudos acadêmicos na temática de lutas, com enfoque na subárea pedagógica, se mostram extremamente necessários, tornando possível a abrangência do conhecimento e aprimorando compreensões a respeito dos processos de ensino e aprendizagem. Mostra-se importante também a análise histórica e cultural das lutas no cunho pedagógico e filosófico, e as transformações e adaptações sofridas por elas ao longo dos tempos, revelando aspectos antes obscuros (RUFINO e DARIDO, 2015).

Essa perspectiva entende o ensino de lutas voltado para uma abordagem mística com práticas embasadas em experiências subjetivas e intuitivas, centralizando na figura do mestre a responsabilidade pela formação do aprendiz, que por sua vez, absorve os ensinamentos aceitando-os como soberanos sem necessariamente refletir sobre os mesmos (RUFINO e DARIDO, 2015).

São evidenciados no ambiente da aula com espaços demarcados, alunos perfilados para dar início a mesma, instrutor centralizado no espaço, saudações e palavras de ordem proferidas no decorrer das aulas, procedimentos para entrada e saída do ambiente demarcado, postura e vestimenta adequada do aluno, entre outros (RUFINO e DARIDO, 2015).

Além das cerimônias, a organização da aula fica pautada em condutas ritualísticas como, por exemplo, as palavras utilizadas entre instrutores e alunos seja na contagem em japonês, nos nomes dos golpes ou nas saudações, além é claro, da ordem na qual os alunos são perfilados seguindo a hierarquia de acordo com a graduação que é relacionada à coloração das faixas. Essa implementação cultural diferente e nova ao cotidiano brasileiro torna-se interessante e atrativo aos praticantes, com evidência às crianças (RUFINO e DARIDO, 2015).

Com o intuito de valorizar a bagagem cultural dessas modalidades, os rituais e ceremoniais são repercutidos ao longo das aulas como conteúdo derivado da prática esportiva, portanto é necessário justificá-los sem incorrer ao risco de serem desvalorizados ou desconsiderados (RUFINO e DARIDO, 2015).

A transformação de características natas ao esporte e outras práticas corporais, permite a ressignificação das mesmas visando a emancipação dos que os praticam, portanto, os praticantes tendo ciência da repercussão de rituais tradicionais à modalidade podem agregar significado a eles (KUNZ, 1994).

Cabe, portanto, ao instrutor, contextualizar aspectos históricos e culturais, permitindo aos seus alunos a compreensão e interpretação dos ceremoniais, evitando que se tornem uma vã reprodução e perca toda bagagem significativa presente nos mesmos (RUFINO e DARIDO, 2015).

Hentges e Peres (2013) ressaltam a importância da relação entre o campo de uma cultura popular ou tradicional e a educação em sua aplicação escolar, por exemplo. As contradições e levantamentos de discussões se mostram produtivas e benéficas no âmbito pedagógico, evidenciando a importância do entendimento de mundo e das relações dos seres humanos com a sua ancestralidade, possibilitando aos aprendizes o encontro e definição dos contornos de seu trajeto.

Entende-se a tradição como algo consolidado ao longo dos tempos no ensino das lutas, tendo efeitos na prática da modalidade, independentemente do contexto no qual se inserem. A disciplina, atrelada à hierarquia, representam um dos principais e mais tradicionais elementos das lutas. A utilização de expressões, em sua maioria provindas do país ou região de origem da luta, além de outras características eminentes dessas práticas, também devem ser lembradas por terem sido trazidas de outros contextos e perdurarem ao longo dos anos (RUFINO e DARIDO, 2015).

Através do modelo denominado “escola de ofício”, isto é, os instrutores repassam ensinamentos aprendidos por eles através de seus mestres, que também aprenderam o conteúdo através de outros mestres mais antigos. Esse modelo pedagógico tradicional configura uma das principais e mais evidentes características das lutas. (RUFINO e DARIDO, 2015).

A formação do mestre é construída através do trabalho de anos como aprendiz, sendo que através de atividades essencialmente práticas alcancem um nível de destreza até que se encontrem plenamente capazes de até o final de todo processo, moldar uma “Obra Prima” que será apresentada a uma Corporação de Oficio, composta por uma banca especialmente selecionada, para que através de sua apresentação seja ou não considerado pertencente à classe (DRIGO, 2009).

Dessa forma, nota-se os traços tradicionais que são semelhantes entre as modalidades, entre eles como o distanciamento do instrutor com relação aos alunos e a evidenciação de uma superioridade hierárquica reforçada através de atitudes imperativas como a exigência de silêncio e reverência ou de que repercutissem os movimentos de forma contínua e precisa (RUFINO e DARIDO, 2015).

Hentges e Peres (2013) denotam que um mestre só é aceito como tal, em modalidades como a capoeira angolana, por exemplo, a partir do reconhecimento de outros líderes mais experientes e pelos demais integrantes do grupo, sem a necessidade de um tempo pré-definido para que isso ocorra. Baseado em Gusdorf (2003) entende-se que o mestre goza de uma autoridade além da que existe na relação aluno-

professor, pois ela emana da sua reputação e conduta como ser humano, além do ofício que ensina, abrangendo a relação entre mestre e discípulos ao que o autor chama de “dimensão fundamental do mundo humano”.

A hierarquia tradicional que é dada ao instrutor, configurando-o como superior durante as aulas, não necessariamente foi imposta de forma forçada ou declarada, mas sim de forma subentendida, sutil, porém clara. Os alunos não se arriscam a desrespeitar a figura do instrutor e quando o fazem (geralmente público infantil), são submetidos à cumprir sansões tradicionais da prática na qual é possível constatar que as relações estabelecidas entre instrutores e alunos de lutas são pautadas em condutas de medo e submissão ao líder (RUFINO e DARIDO, 2015).

Na forma de reger as aulas, a tradição se faz presente em um ensino técnico e instrumental, onde a forma correta de gestos e movimentos técnicos é ensinada pelos instrutores através da demonstração e explicação verbal, por meio de sessões de repetições contínuas.

Outro elemento que compõe a tradição de lutas se encontra nas vestimentas características, de origem geralmente oriental, tais como o kimono ou o judogi, por exemplo. Ainda como adereço na vestimenta, as faixas representam um sistema de graduação simbolizado por meio de diferentes cores. As formas de graduação e avaliação mudam de uma modalidade pra outra, porém o sistema de diferenciação por cores se faz presente na maioria delas. (RUFINO e DARIDO, 2015).

A chamada “experiência artesã” descrita por Drigo, (2009) é considerada por Rugiu (1998) detentora de aspectos essenciais de formação, sendo entendida como experiência ideal para instruir e educar, possibilitando ao aprendiz adquirir o que o autor descreve basicamente como habilidade com as mãos e rapidez com a cabeça.

O autor ainda considera a habilidade obtida pelo exercício importante para variadas áreas do conhecimento humano, como por exemplo: gramática, religião, geometria, artes, entre outros. Isso ressalta as atividades práticas como formativas do caráter, tanto quanto estudos formais.

É preciso levar em conta a larga experiência dos instrutores analisados, o que os torna grandes conhecedores de suas modalidades e compõe a base estrutural de seus trabalhos, 13 portanto teorias sobre práticas pedagógicas não cabem como critério para desvalorizar ou tomar o lugar de suas experiências (RUFINO e DARIDO, 2015).

É sabido que não existe necessariamente apenas um modelo único didático pedagógico a ser seguido por instrutores e variantes, ao longo dos processos de ensino e aprendizagem. Baptista (2003) salienta as diferentes compreensões didáticas e pedagógicas utilizados por cada instrutor, evidenciando que se deve levar em conta fatores como a capacidade do profissional, os objetivos, a idade, o perfil psicológico da turma, além do nível técnico e socioeconômico.

Darido e Rufino (2015) constatam que os alunos reproduzem partes específicas das técnicas de maneira segregada, repetindo-as por longo período de tempo. Essa exclusividade sobre a forma de aprendizagem vem sofrendo críticas, sobretudo em práticas de habilidades abertas, por conta da imprevisibilidade entre os contextos de ação e interação. A prática aplicada por todos os instrutores, denominada bloco, ocorre de forma que os alunos repitam a mesma tarefa durante um período de tempo até que possam aprender outra tarefa praticando-a também em bloco e assim sucessivamente.

Entretanto se mostra eficaz a diversificação de ações motoras por meio de prática randômica e variada afim de que possa ocorrer o esquecimento, permitindo o trabalho de desenvolvimento da memória mais significativamente. (RUFINO e DARIDO, 2015).

Por conta da imprevisibilidade presente no ensino de lutas, a estratégia de ensino aleatória se mostra eficiente na produção de diferentes reações possíveis quando deparados às mesmas situações em contextos diferentes. Os instrutores afirmam, ainda, que o ato de ensinar através de uma sequência de ações dotadas de lógica e ordem, fato evidenciado com as observações das aulas.

3 PROPOSTA BASEADA NA PEDAGOGIA DO ESPORTE E NOS JOGOS DE OPOSIÇÃO APLICADOS AO ENSINO DAS LUTAS

A característica de formação dos professores de artes marciais, que se dá em sua maioria de forma empírica e não acadêmica, como rege os modelos universitários, ascendem uma luz de alerta. A limitação de conhecimentos em conceitos pedagógicos na aplicação das aulas e a busca por uma especialização precoce podem causar desinteresse e desestimular crianças a permanecer na prática esportiva.

Paes (2006) entende que a Pedagogia do Esporte está presente desde a iniciação até o treinamento esportivo mais específico, também na educação formal e não formal, dessa forma, atende todos os segmentos sociais com todos aqueles que o compõem. O autor complementa dizendo que o esporte deve ser tratado de maneira pedagógica, dando prioridade à criação, organização e a sistematização dos procedimentos tanto nos processos de ensino aprendizagem quanto no treinamento esportivo.

Entendido como manifestação cultural e recheado de significados, o esporte também está inserido no âmbito educacional, visto que através da capacitação e adequação de professores, as lutas contribuem direta e integralmente para o desenvolvimento do ser humano (BREDA, et al., 2010).

Kunz (1994) sinaliza a respeito dos aspectos a serem analisados com o intuito de ressignificar e ampliar os saberes a serem repassados, e nesse sentido, considerando a prática pedagógica das lutas, aquela que considera as subjetividades dos praticantes, possibilitando uma aderência significativa particular de acordo com os próprios anseios, características e objetivos, possibilitando ainda um diálogo maior entre instrutores e alunos, ressaltando um trabalho de frequente avaliação e modificação.

Embora Rufino e Darido (2015) relatam que os instrutores apontem que o ensino das lutas com crianças aconteça de forma mais lúdica, foi possível observar que a divisão entre criança e adultos apenas nas aulas de judô e kung fu, as demais foram aplicadas de forma mista, onde todos desenvolviam os mesmos procedimentos didáticos sem separação por graduação ou histórico na atividade (RUFINO e DARIDO, 2015). Como ressalta Paes (2006), a inserção de uma brincadeira no aquecimento ou final da aula, não a configura precisamente como lúdica, sendo necessária uma reestruturação do plano de aula.

Com o intuito de adaptar o ensino de lutas às carências lúdicas e desenvolvimentistas das crianças, entendendo que instrutores devessem priorizar experiências mais prazerosas do que as fixadas em adquirir um alto rendimento, autores da área da pedagogia do esporte defendem uma consideração mais voltada para o fator da subjetividade no ensino, concentrada sobre a pessoa que se movimenta (RUFINO e DARIDO, 2015).

Santos (2012) aponta que existe um déficit em termos de propostas metodológicas que visem o ensino de lutas no ambiente escolar e então propõe a aplicação de atividades oriundas dos Jogos de Oposição para tal objetivo, da mesma forma podemos pensar nessa prática em ambientes não formais, uma vez que se apresenta como proposta metodológica de ensino, permitindo uma maior reflexão didática e pedagógica na qual os alunos se sentiram motivados a iniciar a prática de alguma das lutas que tiveram parte de seus movimentos, objetivos e técnicas aplicados durante essas aulas.

Os Jogos de Oposição têm por origem as mesmas características dos Esportes de Combate praticados por gerações antepassadas, sendo caracterizados por atos de enfrentamento que podem ocorrer entre duplas, trios ou até grupos, cujos objetivos se dão em vencer a figura adversária através de imposição física, prevalecendo o respeito às regras e à integridade física dos colegas de aula (JUNIOR e SANTOS, 2010). Os Jogos de Oposição podem ser classificados em três grandes grupos:

Tabela 1 - Jogos que Aproximam os Combatentes

Definição: Procedem dos esportes de combate que mantém contato direto (corpo a corpo), voltados para ações de tirar, empurrar, desequilibrar, projetar e imobilizar.
Aplicação nas Lutas: Judô, Luta olímpica, Jiu-Jitsu, Sumô

Fonte: Adaptado de Junior e Santos (2010)

Tabela 2 - Jogos que Mantém o Adversário à Distância

Definição: Objetivam manter o distanciamento entre os adversários, fugindo do contato direto, dando-se este apenas no momento da aplicação de uma determinada técnica.
Aplicação nas Lutas: Karatê, Boxe, MuayThay, Taekwondo

Fonte: Adaptado de Junior e Santos (2010)

Tabela 3 - Jogos que Utilizam Instrumento Mediador

Definição: Como a própria classificação do grupo descreve, se dá por atos de combate que se utilizam de um instrumento mediador para atacar o adversário.
Aplicação nas Lutas: Esgrima e Kendo

Fonte: Adaptado de Junior e Santos (2010)

Estes jogos, além de apresentarem-se como estratégias que auxiliam na consagração de valores éticos, colaboram, também, para o aprimoramento de capacidades físicas e motoras. Essa característica facilitadora do trabalho de ensino permite que mesmo os professores que não possuíram uma vivência consolidada da prática de lutas, possam elaborar aulas repletas de conteúdos ricos pedagogicamente, abrindo portas para que alunos despertem o interesse à prática de uma luta em específico (JUNIOR e SANTOS, 2010).

Junior e Santos (2010), descrevem os Jogos de Oposição como proposta metodológica que visa substituir a terminologia marcial, proporcionando uma vivência corporal e o estimulando o autoconhecimento de estudantes ainda em idade escolar.

Breda, et al., (2010) afirmam que a proposta de uma metodologia pedagógica para o ensino de lutas pautada em brincadeiras propõem uma melhor contextualização e estruturação dessas brincadeiras, levando em conta o objetivo em cima do qual o projeto de trabalho é construído, ressaltando a importância de que o professor tenha consciência do objetivo das atividades apresentadas ao longo da aula, seja ele voltado para agilidade, força, resistência, entre outros, e não apenas praticar uma reprodução vã do lúdico.

Ficou evidenciado na pesquisa de Santos (2016) que as atividades lúdicas que adaptam movimentos característicos das lutas têm o poder de influência no aprendizado de lutas no contexto escolar. Ao educador cabe o papel da aplicação dessas atividades tornando-as atrativas e alternando o significado delas dependendo da metodologia utilizada.

Para que o ensino do esporte possa assumir plenamente funções presentes em seus princípios, é prioritário que ele se torne mais humanizado, ou seja, contextualizar rituais e hábitos característicos da modalidade e ressignificar o processo de ensino e aprendizagem. Seguindo os preceitos colocados por Bento (1991), entende-se que as aulas voltadas ao público infantil devem embasar-se de processos pedagógicos capazes de proporcionar resolução de conflitos, dando foco ao praticante e não apenas nos gestos técnicos precisos.

A aplicação desta ideia na prática, possibilita ao aluno um crescimento e desenvolvimento maior na modalidade e não apenas como sendo um receptor de informações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, é necessário entendermos, respeitarmos e aceitarmos as transformações que ocorrem no decorrer da evolução humana, sejam elas voltadas para as crenças, métodos, artes, ciências, entre outras áreas do conhecimento.

Se o homem se transforma, a sociedade e o contexto em que o mesmo é inserido acompanham-no e requerem diferentes métodos e abordagens a respeito de práticas agregadas à sua história e sua formação.

Entender que o passado nem sempre deve ser compreendido como obsoleto, mas sim aliado à evolução de compreensões e descobertas resultantes do trabalho humano através da percepção de si e da sociedade, é um exercício de caráter constante e necessário para a preservação e disseminação de conhecimentos tão valiosos, podendo esses serem transferidos para as próximas gerações de forma mais clara, consolidada e acessível.

As lutas, nos moldes em que conhecemos hoje, já estão inseridas no cotidiano humano a milhares de anos e foram repassadas massivamente pelas diversas gerações e culturas através da chamada “Escola de Ofício”. A facilitação do acesso à essa arte e a abrangência das diferentes camadas sociais, culturais e contextuais ao meio, levaram o homem a buscar formas mais inclusivas e efetivas de se ensinar lutas.

Compreender e considerar subjetividades, necessidades, especificidades, potencialidades, limitações e projeções componentes da construção e estruturação humana, são reflexões que regem a busca por novos métodos e abordagens pedagógicas que visam alcançar a evolução no trabalho de ensinar lutas. A contextualização deve ser aderida à base do planejamento metodológico para o ensino de lutas. Ter claro o conceito de público, ambiente e recursos materiais e humanos que o profissional terá à sua disposição, torna a realização de seu trabalho mais efetiva, completa e adequada.

Dividir grupos de aprendizes entre profissionais e amadores, adultos e crianças, avançados e iniciantes, entre outros, permite que o professor de lutas utilize a abordagem pedagógica mais adequada para o grupo com o qual se dispõe a trabalhar.

No contexto de ambientes não formais ao ensino de lutas e especialmente no cenário pedagógico voltado a aprendizagem infanto-juvenil, o conceito trazido pelos chamados “jogos de oposição”, trazem fundamentos básicos dos esportes de combate numa abordagem mais lúdica, leve e atrativa.

Movimentos, posicionamentos, conceitos e metas específicos de determinada modalidade, pré-definida pelo professor, são introduzidas na prática aos aprendizes definem como “atos de confrontação” cuja vivência trabalha muito além do motor, incluindo também o cognitivo e socioafetivo.

O trabalho permite a reflexão a respeito da responsabilidade que os esportes, neste caso em específico, os de combate, exercem sobre a formação de seus praticantes em diferentes vertentes da composição estrutural humana. Responsabilidade esta, agregada também aos profissionais responsáveis pelo repasse desse conhecimento às gerações mais modernas e aos caminhos escolhidos a serem trilhados para tal ação seja possível.

O repasse de valores morais, sociais, disciplinares e humanos presentes na grande maioria da cultura das artes marciais, representada por líderes formados pelas escolas de ofício, com o auxílio de metodologias pedagógicas mais modernas e inclusivas como a representada pelos Jogos de Oposição, são abrangidos a diferentes camadas e contextos sociais, compostas por diferentes grupos de pessoas que despertam o interesse pela área correspondente aos ensinamentos das lutas. Além disso, a adoção dos Jogos de Oposição como método pedagógico, ajuda a quebrar antigos tabus e pré-conceitos a respeito do ensino dos esportes de combate para crianças e adolescentes, seja no ambiente escolar, em clubes, centros de lazer e cultura ou até mesmo em projetos sociais

Não podemos menosprezar trabalhos voltados para uma mecanização de movimentos específicos do esporte, ainda que repetitivos e constantes, com o intuito de aprimorar técnicas e melhorar os níveis de coordenação, reflexo, agilidade, entre outros, dependendo, é claro, dos objetivos a serem alcançados pelo praticante, seu nível de conhecimento na prática esportiva, sua faixa etária, suas subjetividades e especificidades.

Portanto, o estudo nos permite uma análise sob uma visão mais humana, inclusiva e pedagógica a respeito do ensino de lutas em ambientes não formais. As lutas, como artes, devem ser acessíveis por direito a diferentes camadas da sociedade, inclusive às menos favorecidas, podendo auxiliar na formação social, cultural e motora dos que a procuram, ressignificando conceitos, esclarecendo questões e fortalecendo motivações genuínas.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Carlos Fernando dos Santos. Judô: Da Escola à Competição. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

BENTO, Jorge Olímpio. Desporto, Saúde e Vida: em Defesa do Desporto. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

BARRINHA, W. C.. O ensino das lutas para o público infantil em ambientes não-formais: uma proposta baseada na pedagogia do esporte e nos jogos de oposição. 2020. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Fundação Educacional de Penápolis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Penápolis, 2020

BENTO, Jorge Olímpio. (1991). Desporto, Saúde e Vida: em Defesa do Desporto

O Outro Lado do Desporto: Vivências e Reflexões Pedagógicas. Porto: Campo das Letras, 1995.

BREDA, Mauro; GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do Esporte Aplicada às Lutas. São Paulo: Phorte, 2010.

DRIGO, Alexandre Janotta. Lutas e Escolas de Ofício: Analisando o Judô Brasileiro. Motriz – Revista de Educação Física, Rio Claro, vol. 15, n. 2, pp. 396-406, 2009. Disponível em:
[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2578-Article%20Text-12163-1-10-20090708%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2578-Article%20Text-12163-1-10-20090708%20(1).pdf). Acesso em Agosto de 2020.

FUGIKAWA, Claudia Sueli Litzet al. Livro Didático Público de Educação Física: Um Diálogo com a Prática Pedagógica. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, II Congresso Internacional de Ciência do Esporte Política Científica e Produção do conhecimento em Educação Física, 2007, Fortaleza. GTT-5: Escola. Recife, vol. 1. pp. 10-23, 2007. Disponível em:
<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/162.pdf>. Acesso em Setembro de 2020. vol.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal, Participação da Sociedade Civil e Estruturas Colegiadas nas Escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, 14, n. 50, pp. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em Setembro de 2020.

GUSDORF, George. Professores para quê? São Paulo: Martins Fontes, 2003. em: 20 Pelotas.

HENTGES, Angelita, PERES, Lúcia Maria Vaz. A Relação Mestre-Aluno na Capoeira Angola Contribuições para a Educação, a partir dos Estudos do Imaginário. In: ENPOS, 15, 2013, Anais eletrônicos. Pelotas: UFPEL, 2013. Disponível em:
https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/CH_02820.pdf. Acesso em Outubro de 2020.

JUNIOR, Tácito Pessoa de Souza; SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos. Jogos de Oposição: Nova Metodologia de Ensino dos Esportes de Combate. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, n. 141. Fevereiro de 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd141/metodologia-de-ensino-dos-esportes-de-combate.htm>. Acesso em Outubro de 2020.

KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do Esporte: Contextos, Evolução e Perspectiva. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, Vol. 20, N. 5, pp. 171, Setembro de 2006. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/48_Anais_p171.pdf. Acesso em Outubro de 2020.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Análise da Prática Pedagógica das Lutas em Contextos não Formais de Ensino. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Rio Claro, Vol. 23, pp. 12-23, 2015.

RUGIU, Antonio Santoni. Nostalgia do Mestre Artesão. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTOS, Sérgio Luiz. Jogos de Oposição: Ensino das Lutas na Escola. São Paulo: Phorte, 2012.

SANTOS, Sérgio Luiz Carlos; SANCHIS, Laura Ruiz; ROBERT, Miquel. Jogos de Oposição: Nova Metodologia para o Ensino dos Esportes de Combate na Educação Física Escolar. Revista Brasileira de Educação Física Escolar, vol. 03, n. 3, pp. 8-31, 2016. Disponível em: https://94d5ddb8-ebca-4838-a804-1d422b43553e.filesusr.com/ugd/db85a1_8e8cca5ae9d04311b928cb990207450b.pdf. Acesso em Agosto de 2020.